

FACONNECT
CASA TOMBADA

CLAUDIA REGINA DA SILVA

O SILÊNCIO QUANDO ESCOLHIDO TORNA-SE NOSSA PALAVRA, NOSSO VALOR

São Paulo, 3 de março de 2021

CLAUDIA REGINA DA SILVA

O SILÊNCIO QUANDO ESCOLHIDO TORNA-SE NOSSA PALAVRA, NOSSO VALOR

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Conchas como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Especialista em Narração Artística. Sob a orientação coletiva dos professores Giuliano Tierno, Letícia Linsfeld e os parceiros da Casa Tombada.

São Paulo
2021

Dedico este trabalho a todos, todas e todes que contribuíram direta ou indiretamente em minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

*Agradeço a todos, todas e todes que
contribuíram no decorrer desta
jornada.*

*A minha família que sempre me
apoiou nos estudos e nas escolhas
tomadas.*

*Ao contador de história Magno
Rodrigues Faria que compartilhou
tantos saberes e abriu meus olhos
para o barulho que se faz ao falar de
silêncio .*

*Aos orientadores Prof. Giuliano
Tierno e Prof.^a. Leticia Liesenfeld que
tiveram papel fundamental na
elaboração deste trabalho.*

*À parceira Ana Letícia, colega da
turma14, do curso Narração artística:
como narrar histórias em contexto
urbano, que me presenteou com
importantíssimos livros Memórias da
plantação – Grada Kilomba e Eu sei
por que o pássaro canta na gaiola –
Maya Angelou.*

*Aos meus colegas de turma pelo
companheirismo e disponibilidade
para me auxiliar e me apoiar em
vários momentos.*

RESUMO

O tema “silenciamento de corpos negros em narrativas urbanas” é contado inicialmente pelo seguinte questionamento: o silêncio é algo que existe separadamente do som? Claudia decide se basear na imagem da moeda para mostrar que silêncio e palavra pertencem ao mesmo campo semântico, chamado por ela de som. Palavra e silêncio são faces diferentes do som. Mas contrariamente da moeda que tem as faces; cara e coroa, que indicam, respectivamente, valor e a quem pertence. A palavra e o silêncio não têm essa distinção ou peso. Nas narrativas tanto um quanto outro tem sua importância e necessidade na mesma proporção. E ao citar o racismo, diz que é um ato que não tem mais lugar na nossa sociedade e muito menos nas narrativas orais, escritas ou nas ações físicas, psicológicas, emocionais e sociais da contemporaneidade.

Palavras-chaves: silêncio; ensaio; cara e coroa; silenciamento; racismo; orixá.

ABSTRACT

The theme “silencing of black bodies in urban narratives” is initially told by the following question: is silence something that exists separately from sound? Claudia decides to base herself on the image of the coin to show that silence and words belong to the same semantic field, which she calls sound. Word and silence are different faces of sound. But unlike the coin that has the sides; heads and tails, which indicate, respectively, value and to whom it belongs. The word and the silence do not have this distinction or weight. In the narratives, both have their importance and need in the same proportion. And when quoting silencing, he says that it is an act that has no place in our society, much less in oral, written narratives or in the physical, psychological, emotional and social actions of today.

Keywords: silence; test; heads and tails; silencing; racismo; orisha.

O silêncio quando escolhido torna-se nossa palavra, nosso valor.

O silêncio existe? Questionamento que me atravessou durante o processo de pesquisa e fez borbulhar ideias, relações e possíveis teorias a respeito. Decidi ver o silêncio e a palavra como aspectos do som. Analogicamente como cara e coroa faces de um mesmo elemento ou produto. Por isso me permito pensar e caminhar por esta estrada em que a palavra e o silêncio podem ser considerados aspectos da sonoridade.

Você sabia que a expressão "*cara ou coroa*" tem a ver com antigas moedas portuguesas que, em uma face, apresentavam um rosto de um soberano - a cara - e, na outra, as armas da coroa? Nas moedas brasileiras atuais, a cara seria a efígie da República ou o "homenageado" e, a coroa, o lado do valor.

Em 1727, foram cunhadas as primeiras moedas no Brasil com a figura do rei numa das faces e com as armas da Coroa Portuguesa na outra. Tendo essa explicação em mente, é possível criar a relação de poder em uma simples moeda e notar as questões de dominador e dominado. A cara evidencia o valor colocado na moeda e a coroa quem manda. Isso me fez recordar que o "colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra" (Grada Kilomba). Povos brancos chegaram, invadiram, subjugarão os povos originários com armas de fogo, dizimando a população indígena, apenas para roubar os minérios existentes. Não se importavam em matar homens, mulheres ou crianças. Apenas queriam se apropriar de coisas que não lhes pertenciam. E posteriormente, invadiram a África e trouxeram para o Brasil, à força povos africanos, que tinham muito conhecimento, experiência e vivência de tecnologia pesada.

No imaginário europeu (ANJOS, 1989), a África era um território rodeado de mistérios, um espaço escondido detrás de um tórrido deserto e sobre o qual as informações sempre foram fragmentárias e distorcidas.

Durante muito tempo, o continente só foi conhecido através de relatos que especulavam sobre seu interior descrevendo a existência de homens-macacos, ogros canibais e mulheres-pássaros. Também durante muito tempo figuraram nos mapas da África nomes de povos como os opistodátilos (de dedos revirados), sem língua e sem nariz (PAULME, 1977).

A identidade tenebrosa da África refletiu-se num repertório de topônimos cuja imprecisão é emblemática da falta de substância do continente no pensamento europeu. Denominações como Ethyopia, Lybia, Cafraria, Sudan e Barbaria, apresentadas repetidamente e em posições erradas no mapa, deixa claro que surgiram do gosto da imaginação. A estas fabulações, soma-se pouco honorável listagem de seres aberrantes, monstros antropóides,

antropófagos, ictiófagos, dentre outros, que transitaram pela geografia do continente durante séculos (PAULME, 1977).

Tais estigmas transparecem no regime de anexação simbólica imposto à África pelos mapas ocidentais, legitimando uma integração desigual do que foi julgado como um polo de antinomias nada condizentes com a civilização. Com base neste pensamento, analisar a produção cartográfica sobre o continente pode ganhar conotações muito sugestivas (WALDMAN, 2007).

Uma retrospectiva neste contexto pode-se fazer ao verificar o mapa da África (Figura 01), o primeiro a representar com alguma precisão os contornos do continente, elaborado por Guilherme Blaeu (1571-1638), grande cartógrafo batavo. Filho de negociante, Blaeu cresceu em ambiente cercado de relatos sobre países distantes. Estudou matemática e foi aluno do astrônomo Tycho Brahe. Em 1633, tornou-se cartógrafo da Companhia das Índias Ocidentais, cargo de enorme prestígio. Sua perícia na cartografia não era menor do que seu pendor artístico, revelado em mapas finalmente bem trabalhados.

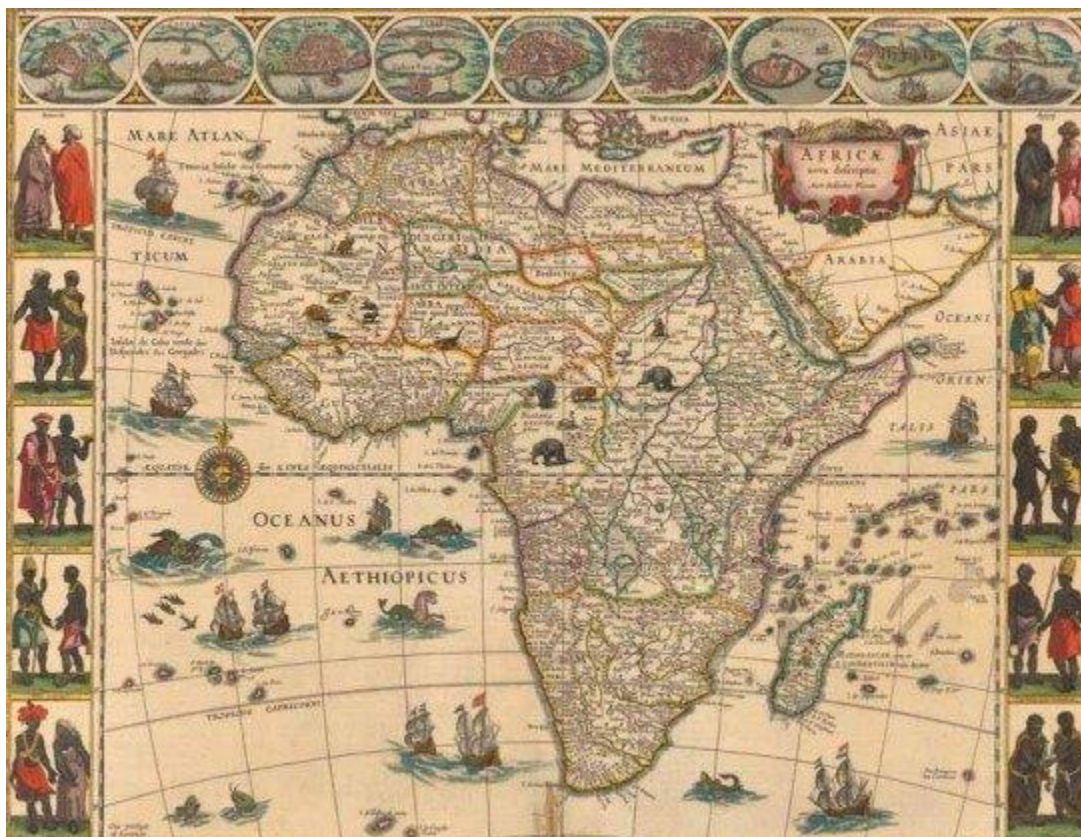


Figura 01. Primeiro mapa elaborado com alguma precisão. Fonte: (MARQUES, 1969).

O importante a ressaltar neste mapa (PAULME, 1977) é a associação de conjunto de dados imaginários e reais generalizados presentes na mesma obra (Figura 1). O mapa da África do Blaeu indicava a Europa como referência para a direção Norte, dado etnocêntrico, pois esta orientação também é

simbolicamente considerada superior. O contorno do continente, quase perfeito, revela décadas de expedições marítimas, ênfase típica do mercantilismo. Na franja superior do mapa figuram o que os europeus entendiam como principais centros urbanos: Tanger, Ceuta, Alger, Tunis, Alexandria, Alcacer, Canárias, Moçambique e Forte de El Mina. O fato de estas cidades serem portos revela que na segunda metade do Século XVI a Europa mantinha soberania costeira, raramente ultrapassando os muros das feitorias.

No conjunto de nove evidências patentes no mapa da África seis se referem à África do Norte, área conhecida pelos europeus desde a Antiguidade Clássica. A África Negra está representada apenas por dois centros, Moçambique e El Mina, ambos feitorias de comércio e de tráfico negreiro. Apesar da África Negra possuir vida urbana milenar, nenhuma das suas urbes foi representada. As cidades destacadas são aquelas que drenam as riquezas do interior através das principais vias fluviais (SERRENO, 2007).

A verdadeira ocupação do continente africano (BOXER, 1981) iniciou com a descoberta e a ocupação das Ilhas Canárias pelos portugueses, no princípio de século XIV. O processo de ocupação territorial, exploração econômica e domínio político do continente por potências europeias teve início no século XV e estendeu-se até a metade do século XX. O conhecimento e a expansão marítima europeia (portugueses, ingleses e holandeses) caracteriza a primeira fase do colonialismo africano que surge da necessidade de encontrar rotas alternativas para o Oriente e novos mercados produtores e consumidores.

Os portugueses, segundo BOXER (1981), iniciam este processo na primeira metade do século XV, estabelecendo feitorias, portos e enclaves no litoral africano (Figura 02). Não existia nenhuma organização política nas colônias portuguesas, exceto em algumas áreas portuárias onde há tratados destinados a assegurar os direitos dos traficantes de escravos. A obtenção de pedras, metais preciosos e especiarias era feita pelos sistemas de captura, de pilhagem e de escambo. O método predador provoca o abandono da agricultura e o atraso no desenvolvimento manufatureiro dos países africanos. A captura e o tráfico de escravos dividem tribos e etnias e causam desorganização na vida econômica e social dos africanos. Milhões de pessoas são mandadas à força para as Américas, e grande parte morre durante as viagens. A partir de meados do século XVI, os ingleses, os franceses e os holandeses expulsam os portugueses das melhores zonas costeiras para o comércio de escravos.

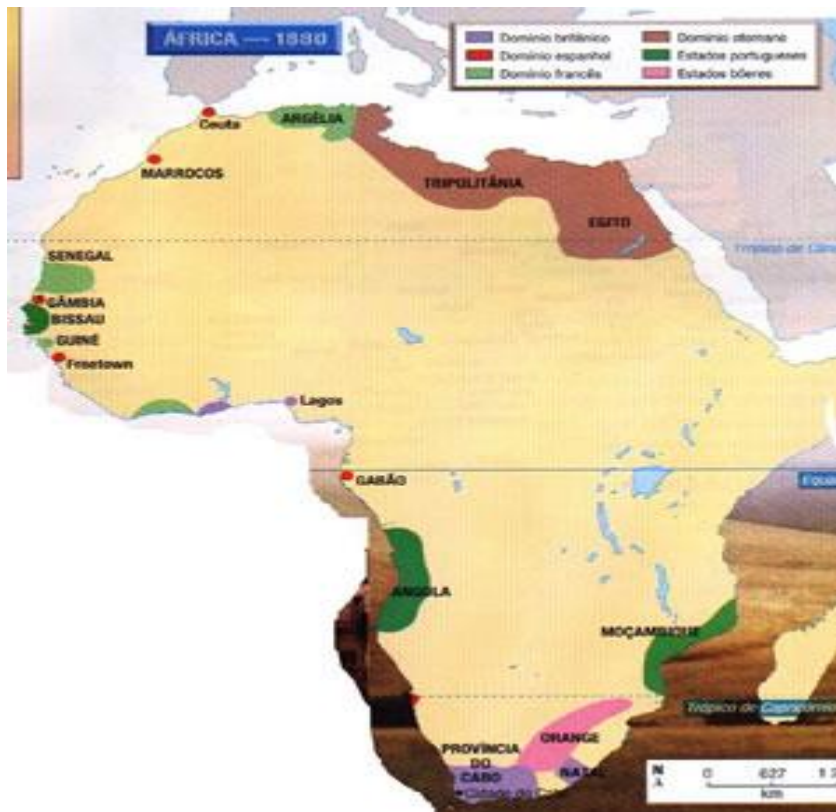


Figura 02. Ocupação litorânea do continente africano 1830. Fonte: (BOXER 1981).

O continente africano antes de ser explorado e dominado pelas potências europeias era quase primitivo, habitado por povos de diferentes etnias (berberes, bantos, khoisan, dentro outros). As etnias organizavam-se em pequenos reinados dedicando-se a agricultura, a pesca, a mineração, a caça e outro grupo (berberes) do deserto de Sahara eram nômades.

De modo geral, pode-se dizer que os atuais limites que circunscrevem os contornos dos territórios africanos foram da autoria das potências colonizadoras atraídos pelo comércio e conhecimento de navegação e técnicas de mapeamentos.

Quando as relações da África com o mundo greco-romano se estreitaram, toda a região ao sul do Egito – incluindo a Núbia – acabou ganhando um nome próprio em grego. Eles passaram a chamar aquela vasta e desconhecida área de Aethiopia, o “país dos rostos queimados”, uma referência à pele de quem nascia por lá, mais escura do que a dos egípcios. No contexto grego, a palavra tinha uma aplicação mais a referir-se também ao atual Sudão e, de forma geral, a toda a África Subsaariana, que tinha menos contato com a Europa naquela época. Muito mais tarde, o termo seria adotado para batizar a Etiópia.

Na África atual, apenas Lesoto, Marrocos e Suazilândia ainda contam com realzas reconhecidas pela comunidade internacional.

Todas elas foram mantidas – sem poderes efetivos – durante a época colonial, e só voltaram a ter alguma proeminência quando seus países se tornaram independentes, em meados do século 20. Com 16 esposas e 35 filhos, o rei Mswati 3º, coroado em 1986 na Suazilândia, é o último monarca com poderes absolutos em toda a África.

Também chamado de Uagadu (“Gana” era o título do imperador), prosperou graças às caravanas que comercializavam ouro em pó e sal pelo Saara. Relatos do século 11 dizem que Gana podia levar até 200 mil homens à guerra. Mas, conforme o Império do Mali cresceu, Uagadu perdeu força e se dissolveu. Seria recordado em 1957, quando a Costa do Ouro se tornou independente e passou a se chamar República de Gana.

Se Gana cresceu pelas caravanas, Mali – inicialmente um pequeno reino à margem do Rio Níger – ganhou força quando essas rotas se deslocaram ao Sul. Seus nobres seguiam a fé islâmica e chegavam a fazer peregrinações a Meca, percorrendo 8 mil quilômetros pelo deserto. No século 16, dinastias menores começaram a acossá-lo. Implodiu em 1670, após a capital Niani ser destruída por tropas de Segu, um reino vizinho.

A chamada Iorubalândia foi sede de vários reinos, incluindo Oyo, cuja poderosa cavalaria ajudava a dominar a região. Os povos Iorubás se organizavam em sociedades altamente urbanizadas para os padrões do continente. Intrigas políticas e golpes enfraqueceram as monarquias da área, que passou a ser dominada por britânicos e franceses no século 19.

A mitologia dos **Iorubás** engloba toda a visão de mundo e as religiões dos **Iorubás**, tanto na África (principalmente na Nigéria e na República do Benin) quanto no Novo Mundo, onde influenciou ou deu nascimento a várias religiões, tais como a Santería em Cuba e o Candomblé no Brasil em acréscimo ao transplante das religiões trazidas da terra natal. A mitologia Iorubá é definida por Itans de Ifá.

Na mitologia **Iorubá**, Olodumare também chamado de Olorun é o Deus supremo do povo **Yoruba**, que criou as divindades, chamadas de **orixás** no Brasil e **irunmole** na Nigéria, para representar todos os seus domínios aqui na terra, mas não são considerados deuses, são considerados ancestrais divinizados após a morte.

Um babalaô me contou:

"Antigamente, os orixás eram homens.

Homens que se tomaram orixás por causa de seus poderes.

Homens que se tomaram orixás por causa de sua sabedoria.

Eles eram respeitados por causa da sua força,

Eles eram venerados por causa de suas virtudes.

Nós adoramos sua memória e os altos feitos que realizaram.
Foi assim que estes homens tomaram-se orixás.
Os homens eram numerosos sobre a Terra.
Antigamente, como hoje, Muitos deles não eram valentes nem sábios.
A memória destes não se perpetuou.
Eles foram completamente esquecidos;
Não se tomaram orixás.
Em cada vila, um culto se estabeleceu
Sobre a lembrança de um ancestral de prestígio
E lendas foram transmitidas de geração em geração,
para render-lhes homenagem"

Mito de OGUM



Ogum Yêêê!
Ogum era o mais velho e o mais combativo dos filhos de Odudua, o conquistador e rei de Ifé.
Por isto, tomou-se o regente do reino quando Odudua, momentaneamente, perdeu a visão.
Ogum era guerreiro sanguinário e temível.
"Ogum, o valente guerreiro, o homem louco dos músculos de aço!
Ogum, que tendo água em casa, lava-se com sangue!"
Ogum lutava sem cessar contra os reinos vizinhos.
Ele trazia sempre um rico espólio de suas expedições, além de numerosos escravos.
Todos estes bens conquistados, ele entregava a Odudua, seu pai, rei de Ifé.
"Ogum o violento guerreiro, o homem louco, dos músculos de aço.
Ogum, que tendo água em casa, lava-se com sangue!"
Ogum teve muitas aventuras galantes.
Ele conheceu uma senhora, chamada Elefunlosunlari" aquela-que-pinta-a-cabeça-com-pó-branco-e-vermelho.',
Era a mulher de Orixá Okô, o deus da Agricultura.
De outra feita, indo para a guerra, Ogum encontrou, à margem de um riacho, uma outra mulher, chamada Ojá, e com ela teve o filho Oxóssi.
Teve, também, três outras mulheres que tomaram-se, depois, mulheres de Xangô, Kawo Kabieyesi Alafin Oyó Alayeluwa!
Saudemos o Rei Xangô, o dono do palácio de Oyó, Senhor do Mundo!"
A primeira, lansã, era bela e fascinante; a segunda, Oxum, era coquete e vaidosa; a terceira, Obá, era vigorosa e invencível na luta.
Ogum continuou suas guerras. Durante uma delas, ele tomou Irê.
Antigamente, esta cidade era formada por sete aldeias.
Por isto chamam-no, ainda hoje, Ogum mejejê lodê Irê "Ogum das sete partes de Irê"
Ogum matou o rei Onirê e o substituiu pelo próprio filho, conservando para si o título de Rei.
Ele é saudado como Ogum Onirê! "Ogum Rei de Irê!"
Entretanto, ele foi autorizado a usar apenas uma pequena coroa, "akorô".
Daí ser chamado, também, de Ogum Alakorô - "Ogum dono da pequena coroa".
Após instalar seu filho no trono de Irê,
Ogum voltou a guerrear por muitos anos.

Quando voltou a Irê, após longa ausência, ele não reconheceu o lugar.
Por infelicidade, no dia de sua chegada, celebrava-se uma cerimônia, na qual todo mundo devia guardar silêncio completo.
Ninguém podia falar com ninguém.
Ninguém podia dirigir o olhar para ninguém.
Ogum sentia sede e fome, mas ninguém o atendia.
Ninguém o ouvia, ninguém falava com ele.
Ogum pensou que não havia sido reconhecido.
Ogum sentiu-se desprezado.
Depois de ter vencido a guerra, sua cidade não o recebia.
Ele, o rei de Irê!
Não reconhecido por sua própria gente!
Humilhado e enfurecido, Ogum, espada em punho, pôs-se a destruir a tudo e a todos.
Cortou a cabeça de seus súditos.
Ogum lavou-se com sangue.
Ogum estava vingado.
Então a cerimônia religiosa terminou e com ela a imposição de silêncio foi suspensa. Imediatamente, o filho de Ogum, acompanhado por um grupo de súditos, ilustres homens salvos da matança, veio à procura do pai.
Eles renderam as homenagens devidas ao rei e ao grande guerreiro Ogum.
Saciaram sua fome e sede.
Vestiram Ogum com roupas novas, cantaram e dançaram para ele.
Mas Ogum estava inconsolável.
Havia matado quase todos os habitantes da sua cidade.
Não se dera conta das regras de uma cerimônia tão importante para todo o reino.
Ogum sentia que já não podia ser o rei.
E Ogum estava arrependido de sua intolerância, envergonhado por tamanha precipitação.
Ogum fustigou-se dia e noite em autopunição
Não tinha medida seu tormento, nem havia possibilidade de autocompaixão.
Ogum então enfiou sua espada no chão e num átimo de segundo a terra se abriu e ele foi tragado solo abaixo.
Ogum estava no Orum, o Céu dos deuses.
Não era mais humano.
Tornara-se um orixá.

Ogum dá aos homens o segredo do ferro

Na Terra criada por Obatalá, em Ifé, os orixás e os seres humanos trabalhavam e viviam em igualdade.
Todos caçavam e plantavam usando frágeis instrumentos feitos de madeira, pedra ou metal mole.
Por isso o trabalho exigia grande esforço.
Com o aumento da população de Ifé, a comida andava escassa.
Era necessário plantar uma área maior.
Os orixás então se reuniram para decidir como fariam para remover as árvores do terreno e aumentar a área da lavoura.
Ossaim, o orixá da medicina, dispôs-se a ir primeiro e limpar o terreno.
Mas seu facão era de metal mole e ele não foi bem-sucedido.
Do mesmo modo que Ossaim, todos os outros orixás tentaram, um por um, e fracassaram na tarefa de limpar o terreno para o plantio.
Ogum, que conhecia o segredo do ferro, não tinha dito nada até então.
Quando todos os outros orixás tinham fracassado,
Ogum pegou seu facão, de ferro, foi até a mata e limpou o terreno.
Os orixás, admirados, perguntaram a Ogum de que material era feito tão resistente facão.
Ogum respondeu que era o ferro, um segredo recebido de Orunmilá.
Os orixás invejavam Ogum pelos benefícios que o ferro trazia, não só à agricultura, como à caça e até mesmo à guerra.

Por muito tempo os orixás importunaram Ogum para saber do segredo do ferro, mas ele mantinha o segredo só para si.
Os orixás decidiram então oferecer-lhe o reinado em troca de que ele lhes ensinasse tudo sobre aquele metal tão resistente.
Ogum aceitou a proposta.
Os humanos também vieram a Ogum pedir-lhe o conhecimento do ferro.
E Ogum lhes deu o conhecimento da forja, até o dia em que todo caçador e todo guerreiro tiveram sua lança de ferro.
Mas, apesar de Ogum ter aceitado o comando dos orixás, antes de mais nada ele era um caçador.
Certa ocasião, saiu para caçar e passou muitos dias fora numa difícil temporada.
Quando voltou da mata, estava sujo e maltrapilho.
Os orixás não gostaram de ver seu líder naquele estado.
Eles o desprezaram e decidiram destituí-lo do reinado.
Ogum se decepcionou com os orixás, pois, quando precisaram dele para o segredo da forja, eles o fizeram rei e agora diziam que não era digno de governá-los.
Então Ogum banhou-se, vestiu-se com folhas de palmeira desfiadas, pegou suas armas e partiu.
Num lugar distante chamado Irê, construiu uma casa embaixo da árvore de acocô e lá permaneceu.
Os humanos que receberam de Ogum o segredo do ferro não o esqueceram.
Todo mês de dezembro, celebram a festa de Iudê-Ogum.
Caçadores, guerreiros, ferreiros e muitos outros fazem sacrifícios em memória de Ogum.
Ogum é o senhor do ferro para sempre.

O povo Yoruba tinha muito conhecimento, experiência e vivência de tecnologia pesada. Ogum, orixá caçador, agricultor, ferreiro, trabalhador, guerreiro e rei, é um bom exemplo do conhecimento desse povo.

E os dois mitos de Ogum apresentados acima podem relacionar-se com o tema silêncio da seguinte maneira: quando Ogum guarda segredo do ferro e também quando não aguenta o silêncio que os súditos mantiveram após Ogum voltar vencedor da guerra. Aqui o silêncio transformou Ogum em orixá.

Outro orixá que pode ser relacionado ao silêncio é Oxóssi (no Candomblé) ou Oxósse (no Omolocô) orixá da caça, florestas, dos animais, da fartura, do sustento. Está nas refeições, pois é quem provê o alimento. É a leveza, a astúcia, a sabedoria, o jeito ardiloso para capturar a caça. É um orixá de contemplação, amante das artes e das coisas belas.



Mito de OXÓSSI

Okê!

Olofin era um rei africano da terra de Ifé, lugar de origem de todos os iorubas. Cada ano, na época da colheita, Olofin comemorava, em seu reino, a Festa dos Inhames. Ninguém no país podia comer dos novos inhames antes da festa. Chegando o dia, o rei instalava-se no pátio do seu palácio.

Suas mulheres sentavam-se à sua direita, seus ministros sentavam-se à sua esquerda, seus escravos sentavam-se atrás dele, agitando leques e espantando moscas, e os tambores soavam para saudá-lo.

As pessoas reunidas comiam inhame pilado e bebiam vinho de palma. Elas comemoravam e brincavam.

De repente, um enorme pássaro voou sobre a festa.

O pássaro voava à direita e voava à esquerda ...

Até que veio pousar sobre o teto do palácio.

A estranha ave fora enviada pelas feiticeiras, furiosas porque não foram também convidadas para a festa.

O pássaro causava espanto a todos!

Era tão grande que o rei pensou ser uma nuvem cobrindo a cidade.

Sua asa direita cobria o lado esquerdo do palácio, sua asa esquerda cobria o lado direito do palácio, as penas do seu rabo varriam o quintal e sua cabeça, o portal da entrada.

As pessoas assustadas comentavam:

"Ah! Que esquisita surpresa?"

"Eh! De onde veio este desmancha-prazeres?"

"Ih! O que veio fazer aqui?"

"Oh! Bicho feio de dar dó!"

"Uh! Sinistro que nem urubu!"

"Como nos livraremos dele?"

"Vamos, rápido, chamar os caçadores mais hábeis do reino."

De Idô, trouxeram Oxotogun, o "Caçador das vinte flechas".

O rei lhe ordenou matar o pássaro com suas vinte flechas.

Oxotogun afirmou:

"Que me cortem a cabeça se eu não o matar!"

E lançou suas vinte flechas, mas nenhuma atingiu o enorme pássaro.

O rei mandou prendê-lo.

De Morê, chegou Oxotogí, o "Caçador das quarenta flechas".

O rei lhe ordenou matar o pássaro com suas quarenta flechas.

Oxotogí afirmou:

"Que me condenem à morte, se eu não o matar!"

E lançou suas quarenta flechas, mas nenhuma atingiu o pássaro.

O rei mandou prendê-lo.

De Ilarê, apresentou-se Oxotodotá, o "Caçador das cinquenta flechas".

Oxotodotá afirmou:

"Que exterminem toda a minha família, se eu não o matar".

Lançou suas cinquenta flechas e nenhuma atingiu o pássaro.

O rei mandou prendê-lo.

De Iremã, chegou, finalmente, Oxotokanxoxô, o "Caçador de uma flecha só". O rei lhe ordenou matar o pássaro com sua única flecha.

Oxotokanxoxô afirmou:

"Que me cortem em pedaços se eu não o matar!"

Ouvindo isto, a mãe de Oxotokanxoxô, que não tinha outros filhos, foi rápido consultar um babalaô, o adivinho, e saber o que fazer para ajudar seu único filho.

"Ah! - disse-lhe o babalaô.

"Seu filho está a um passo da morte ou da riqueza.

Faça uma oferenda e a morte tornar-se-á riqueza."

E ensinou-lhe como fazer uma oferenda que agradasse às feiticeiras.

A mãe sacrificou, então, uma galinha, abrindo-lhe o peito, e foi, rápido, colocar na estrada, gritando três vezes:

"Que o peito do pássaro aceite este presente!"

Foi no momento exato que Oxotokanxoxô atirava sua única flecha.
O feitiço pronunciado pela mãe do caçador chegou ao grande pássaro.
Ele quis receber a oferenda e relaxou o encanto que o protegera até então.
A flecha de Oxotokanxoxô o atingiu em pleno peito.
O pássaro caiu pesadamente, se debateu e morreu.
A notícia espalhou-se:
"Foi Oxotokanxoxô, o "Caçador de uma flecha só", que matou o pássaro!
O Rei lhe fez uma promessa, se ele o conseguisse!
Ele ganhará a metade da sua fortuna!
Todas as riquezas do reino serão divididas ao meio, e uma metade será dada a Oxotokanxoxô!"
Os três caçadores foram soltos da prisão e, como recompensa, Oxotogun, o "Caçador das vinte flechas", ofereceu a Oxotokanxoxô vinte sacos de búzios; Oxotogí, o "Caçador das quarenta flechas", ofereceu-lhe quarenta sacos; Oxotadotá, o "Caçador das cinquenta flechas", ofereceu-lhe cinquenta.
E todos cantaram para Oxotokanxoxô.
O babalaô, também, juntou-se a eles, cantando e batendo em seu agogô:
"Oxowusi! Oxowusi!! Oxowusi!!!
"O caçador Oxo é popular!"
E assim é que Oxotokanxoxô foi chamado Oxowusi.
Oxowusi! Oxowui!! Oxowusi!!!

Já o mito de Oxóssi que é um orixá específico da floresta, nos leva a perceber que esse orixá pela astúcia para caçar, naturalmente necessita do silêncio para ser bem sucedido em suas ações cotidianas. E observando as imagens dos orixás que representam a cultura Yorubá, é possível notar que os corpos negros são fortes, robustos. Mas possuem algo de puro, ligados à natureza, a terra. E que foram subjugados pelas armas de fogo, a pólvora, e pelas armas dos brancos que usaram do intelecto para criar e produzir armamentos imbatíveis para os povos indígenas e os negros. Apesar de existir relatos de que os povos negros invadiam terras de tribos rivais e os derrotados tornarem-se escravos, não era o mesmo tipo de escravidão que foi imposta pelos portugueses, ou melhor, pelo povo branco. E com a escravização a que foram submetidos iniciou o maior silenciamento de todo um povo por várias gerações. Os corpos negros foram silenciados por séculos. Está mais do que na hora de nós, negros, sairmos desse silenciamento. Mostrar nossa cara e a coroa que temos. Coroa de valor inestimável, de um povo que como os povos originários, sabe ouvir a natureza, se conectar com a Mãe terra e que entende e luta por manter suas origens.

A escritora Andrea Perdigão entrevistada pela A Tribuna – na seção ATRevista - fala da importância de nos conectarmos a nós mesmos. E diz que *em um mundo cheio de ruídos, o silêncio é essencial para o bem estar.*

Ver o silêncio não como uma ausência (do som, do ruído ou da fala), mas como um estado de presença, o espaço da escuta da alma, e é isso o que sobra quando não há som algum. Estar em silêncio não é estar mudo e calado necessariamente, mas pode, sim, significar estar presente, com sentidos aguçados e escuta atenta. (...) A experiência do silêncio é subjetiva, porque objetivamente ele não existe. Podemos medir o grau de ruído, a intensidade de um som, e quanto menor tal intensidade, maior será o silêncio. Mas se

olharmos o silêncio como o fundo, ele varia de uma pessoa para outra e de uma experiência para outra. Para escutar ao outro é preciso silêncio - silêncio de voz e de pensamentos.

No prefácio à edição brasileira do livro *um Ator Errante* de Yoshi Oida, consta a seguinte frase: “O verdadeiro teatro nasce quando o ator consegue desenvolver um fio invisível entre seu próprio sentido do sagrado e o do público.” O mais interessante é que é bem possível e plausível acreditar que esse fio seja estabelecido no silêncio gritante e ensurdecido ou na palavra segredada e abafada. É aquele segundo quase que eterno de contato entre o artista e o público. Quem pode afirmar ou confirmar o momento exato da interligação do sentido do sagrado do ator e do público? E para um contador de história como isso acontece? Da mesma maneira ou a história em si já produz tal ligação? E se sim, a ligação se dá apenas com a história? E a pessoa que narra, não importa? O silêncio dessa narradora, desse narrador diz algo? Comunica antes, durante e depois do ato de contar história?

Segundo a escritora Andrea Perdigão *“O silêncio é peça fundamental para a qualidade da comunicação entre as pessoas. Sem ele o que há é verborragia, falas se sobrepondo, pessoas que não prestam atenção ao outro, não se escutam verdadeiramente”*.

No mesmo prefácio de *um Ator Errante*, consta o seguinte trecho: “É difícil encontrar um ator que escreva bem. Assim não é muito comum encontrar intérpretes de reconhecido talento que tenham poder de síntese e clareza ao tentar reflexões sobre sua arte e sobre o mundo.” Esse trecho me fez refletir sobre o ofício do contador de história. Há contadores de história da contemporaneidade que tenham poder de síntese ao escolher as histórias que podem ser compartilhadas em contextos urbanos? Será que a partilha das histórias acontece por meio da palavra? Mas e o silêncio pode ser a primeira ação de uma história? Pode ser da própria contadora, do contador? O silêncio é tão importante quanto a palavra? O silêncio pode ser considerado uma materialidade, um recurso importantíssimo ao se colocar à disposição do narrar experiências que atravessam e são atravessadas no artista? Esse tipo de questionamento me faz pensar mais uma vez na possibilidade do silêncio ser a outra face do som, assim como a palavra que traz carregada toda a vibração sonora, o silêncio também pode ter sua própria vibração. Silêncio, propriamente dito, pode ser mesmo que não exista, porque quando paramos de falar, de fazer barulho e pedimos silêncio outros sons surgem, ou melhor, passamos a observá-los, a atenção é voltada para outros ruídos. Silêncio como um absoluto nada, vazio, ausência de som é bem provável que não exista mesmo.

Em um trecho da música *Silêncio* – de Arnaldo Antunes – há esses versos: *“Antes de existir a voz existia o silêncio. O silêncio foi a primeira coisa que existiu. Um silêncio que ninguém ouviu.”* *Atentando-se com mais minúcia a*

esses versos, olhando por outra perspectiva, percebo que foi um silêncio que ninguém ouviu, porque surgiu outros ruídos, sons, ou porque não quiseram ouvir, não tinha significado, importância. Mas o silêncio faz parte das histórias para a contadora, para o contador de história? Ou faz parte das próprias narrativas, independente de quem conta? O silêncio está latente no universo das histórias? Como esse mesmo silêncio pode se tornar manifesto nas narrativas? Que tipo de silêncio aparece nas histórias de corpos negros, e principalmente de mulheres negras? Em seu texto *O Narrador*, Walter Benjamin diz “*não imagino que os primeiros contadores de histórias poderiam ser uma mulher, ele trouxe em seus escritos o sedentário e o marinheiro. As mulheres contam histórias por um silêncio instituído há muito tempo*”. Aqui fica evidente a importância do silêncio para a contação de história. E recordo da minha experiência e contato com as narrativas da minha origem. Em família fui sempre envolvida, desde criança, por um silêncio curioso, instigante, que muitas vezes provocava uma enorme ebulição de sensações, emoções e sentimentos que me faziam desejar ouvir histórias, por horas e horas. Não sabia de verdade qual era o significado do silêncio em casa. Acredito que eu tinha apenas uma única visão, ou seja, conhecia um único significado, ou melhor, um único aspecto ou camada, como preferir chamar, para o silêncio e não insistia para que a história prosseguisse. Por esse motivo, não tenho muitas lembranças de sentar a beira da cama para ouvir as histórias, causos ou anedotas da família. Será que perdi a possibilidade de criar ligações fortes e firmes com minha ancestralidade? De acordo com William James “o exercício do silêncio é tão importante quanto à prática da palavra.” Nos dias de hoje, as pessoas ao redor do mundo andam tão apressadas que não dão valor à paz, ao sossego e à tranquilidade que essa suposta ausência de som proporciona. “O espaço para a pausa foi abolido da nossa existência. O nada, assim como o silêncio, angustiam. Na hiper-realidade em que estamos mergulhados, na qual não faltam distorções de percepções e valores, o silêncio é sinônimo de incomunicabilidade, mudez, de falta de atitude, fraqueza ou depressão. Vivemos submersos nesse caldo ruidoso, de forma inconscientemente acelerada, de informação em informação, sem o silêncio para nos ajudar a decantar os acontecimentos, a questionar o que realmente nos serve e o que não nos serve” (Andrea Perdigão – 2020).

Começar uma história com silêncio ou meditação é uma grande oportunidade de acalantar o coração, sentir a tranquilidade e se deleitar com a própria história. Como também poder criar a possibilidade de aprofundar o silêncio contido nas histórias como um todo. Aqui me lembrei de uma frase que o avô de uma amiga falava antes de começar as narrativas: “acalme o coração, tranquilize a alma que hoje tem história”. Ou seja, busque outros sons no silêncio que se manifesta aqui e agora e nas histórias. Abra os ouvidos e o coração para mergulhar em outra camada do silêncio, das palavras ditas e das não ditas também. “O silêncio permite que o cérebro dê sentido

à informação. Nosso cérebro tem uma “rede padrão” que se ativa quando estamos descansando. Esta rede se encarrega de avaliar as situações e informações às quais nos temos expostos ao longo do dia e as integra em nossa memória, ou as descarta se forem irrelevantes”, palavras da Dra. Simone Carvalho, fisioterapeuta.

Quando criança não entendia porque em casa existia um enorme silêncio. Que silêncio era esse? Era o silêncio para dar sentido à informação como diz a Dra. Simone? Ou era um silenciamento arraigado? Mamãe pouco falava e sempre começava suas histórias muito quieta, sem proferir palavra alguma. E eu na ânsia de ouvir, ficava angustiada pensando: Porque ela não fala nada? Quando vai começar a história? E não percebia que tudo já estava acontecendo e que a história já tinha começado. Desconhecia o conceito do silêncio presença. E por isso sempre quebrava o silêncio falando algo ou fazendo qualquer ruído, barulho. Nesse momento, mamãe apenas me olhava e sem abrir a boca falava com os olhos: “Sinta o silêncio. Fique quietinha”. Então, me encolhia toda olhando para dentro envergonhada por ter atrapalhado. Infelizmente, por essas e outras não me explicaram, com antecedência e nem depois, essas nuances do silêncio e por isso não ouvi muitas histórias na infância. Aqui se refere muito à questão da esfera pública e privada que se entrelaçava; o que podia ser dito publicamente e o que deveria ser calado, inclusive, na esfera privada. Quando fazia algo de “errado” para os olhos da sociedade minha mãe logo dizia: “Em casa a gente conversa”, olhava severamente e se calava por completo. Minha avó paterna a instigava dizendo: “Maria, você não vai falar nada? Essa menina tem que ser corrigida”. Vovó não percebia que eu já tinha entendido a mensagem pelo silêncio que foi instituído de imediato naquele olhar. Eu ficava completamente indignada, com muita raiva, mas totalmente calada para não piorar a situação. Aqui se trata da exemplificação do silêncio que abomino. É o silêncio que faz mal, porque é aquele silêncio opressor, ou melhor, é o silenciamento do indivíduo, uma das violências sociais que deve ser combatida, inclusive no âmbito familiar. Quando retornava para casa o couro comia e ainda tinha que ouvir “Engole o choro”. Mais uma vez o silêncio opressor atuando, até mesmo o som da dor tinha que ser suprimido, sofrer sem falar nada, não poder dar um pio. Foram, instituídos em meu ser, dor e sofrimento devem ser sentidos, completamente, calados, sem a menor vibração sonora ou de qualquer espécie.

Esse episódio me fez recordar muito um dos capítulos de Vidas secas de Graciliano Ramos – O menino mais velho - que também aprendeu sobre dor e sofrimento, pelo desejo de proferir palavra. Ele falou, perguntou o que era inferno e acabou levando da mãe um tremendo cascudo. Pitágoras disse “Escuta e serás sábio. O começo da sabedoria é o silêncio”. Repensando essa passagem da minha vida, não vejo e nem sinto dessa forma que Pitágoras coloca. Aprendi que esse tipo de silêncio, mais conhecido como **Racismo**, eu

não quero ver, ouvir, sentir, ou saber que minhas irmãs e meus irmãos negros estejam passando. Mas pode ser que em um futuro distante, venha a entender e a “aceitar” essa reflexão que Pitágoras expôs. No entanto, se analisarmos mais profundamente a máxima de Pitágoras, é possível perceber ou até mesmo lembrar-se da ancestralidade negra que me compõe e conectar-me com Oxóssi e Ogum, orixás sábios porque sabem ou aprenderam a escutar, já que aplicam o silêncio como presença marcante.

Há poucos dias descobri algumas histórias da minha avó materna, pessoa muito calada, quieta em seu canto, trabalhadora, lutadora, generosa, amorosa e de muita sabedoria. Descobri que minha querida vovó foi silenciada pela própria filha que ao ter o primeiro filho, usava a criança para conseguir que minha avó fizesse o que minha tia bem entendesse. Minha tia não tinha nenhuma responsabilidade ou juízo, queria ficar indo e vindo para São Paulo a qualquer hora. Quando as coisas estavam começando a tomar rumo, ou seja, as dificuldades de uma vida humilde e sofrida começavam a amenizar, ela resolvia de uma hora para outra retornar para Estância, cidadezinha interiorana de Sergipe, com a seguinte alegação: “Vou embora e levo o menino, porque é meu filho e no caminho vendo ou dou para o primeiro que quiser”. Minha avó preocupada deixava tudo para acompanhar a filha e assim fazer com que ela não entregasse o neto para qualquer pessoa. Minha avó que criava e cuidava do neto. Por que minha tia fazia isso com a própria mãe? Talvez porque se considerava alguém importante ou, simplesmente, porque era jovem e queria viver se aventurando pelas estradas, com a proteção de uma forma ou de outra da mãe. Minha tia teve cinco filhos e praticamente quem criou e cuidou dos rebentos foi minha avó. Mulher negra, magra, de muita força e coragem. Mas que se submeteu a vida toda aos caprichos da filha mais nova. Posso culpar minha tia por tudo que minha avó passou? Jamais. Porque minha vovó foi mais uma mulher negra, ou mais um corpo negro, que foi calado, silenciado e não teve oportunidades para perceber que o silêncio imposto é um veneno e que ele “mata mais que bala de revolve”.

Depois que aprendi a ler e entrei na adolescência, adorava fazer leitura silenciosa e detestava ouvir vozes muito altas. Até hoje detesto ouvir gritos, sinto profundo incômodo. Talvez porque esses gritos ecoam em meu ser e corpo, porque remetem às dores e sofrimentos das minhas irmãs negras e meus irmãos negros que gritaram por séculos quando foram submetidos aos mandos e desmandos do povo branco. Não se calaram, apesar de toda imposição e violência praticada pelos colonizadores portugueses, aqui no Brasil. Lutaram nas senzalas, nos canaviais e continuam lutando nos quilombos e outros lugares da contemporaneidade com o silêncio presença que é próprio dos corpos negros. Continuamos dizendo não ao Racismo.

De uma infância sem palavras, recheada de muitos sons, ruídos, sombras, brincadeiras e gargalhadas; para uma juventude rodeada de

sintagmas nominais, que foram estimulados pela escolarização com a leitura de livros e histórias de, infelizmente, um único ponto de vista – o branco. O contato acentuado com a palavra escrita potencializou a sensibilidade e desejo de conhecer mais e mais histórias, sejam elas da tradição oral ou escrita, pessoais ou coletivas. Até chegar a esse ponto de reflexão sobre esses contos e desejar se debruçar sobre eles com intuito de manter vivo o simples ato de narrar na contemporaneidade, as coisas foram colocadas de uma forma muito parcial, o homem branco era o único sujeito com características aceitáveis para ser feliz. Foi como uma grande e enorme lavagem cerebral que sofri por anos e anos, sem me dar conta do grande problema que estava sendo colocado diante de mim. Histórias que foram, são e serão narradas, ininterruptamente, por séculos e séculos, não tem absolutamente nada de simples. O ato de narrar é atemporal, que envolve diversas descobertas pessoais, coletivas, históricas entre outras. Cada experiência é uma revelação, uma nova vivência, uma releitura e envolve diversas sensações corporais, visuais, olfativas, palatais, táteis e intelectuais que são estimuladas a todo o momento. Tudo é extremamente desafiador para quem conta como para quem ouve. Comunicar ou descobrir o que as histórias querem e precisam comunicar, seja pela palavra falada ou pela pausa. Como acontece na música a pausa tem profunda importância e é extremamente significativa. Está aí mais uma marca da probabilidade da latência manifesta do silêncio; a cara e coroa do som, uma questão de escolha?

Histórias, poemas, músicas, biografias, tudo é material riquíssimo para aprofundar o ato mais que milenar de contar histórias. É possível encontrar leveza em histórias que tratam de assuntos complexos como violação dos direitos humanos, dor, sofrimento, nascimento, morte, preconceito, racismo? Como também trazer um tom complexo, pesado para temas suaves como o amanhecer, a alvorada, o luar, a primavera entre outros? Quantos silenciamentos estão por trás das palavras? As relações humanas acontecem em diversos aspectos e como entender o que nos acontece e se realmente acontece nessa vida contemporânea, pós-modernidade da revolução industrial? Fazer as coisas com a palavra é praticamente trazer para o concreto o que pensamos e realizamos linguisticamente. Exige sensibilidade, envolvimento, conexão com o que está sendo dito por parte do contador como também do ouvinte. Entretanto, o contador necessita estar intimamente ligado à história, seja pela experiência lida ou vivida. Precisa ser uma experiência, vivenciar, deleitar cada letra e palavra do que está sendo contado e ou lido. Não basta conhecer ou ler e reler diversas vezes a história; é fundamental “viver” cada momento, cada parte do conto, inclusive o silêncio (presença). Acreditar que a história lhe pertence e você pertence a ela, é uma reciprocidade atemporal do ato de narrar – a história pertence a você e você pertence à história, simultaneamente. De acordo com Jorge Larrosa “as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com

pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos”. E me arrisco a completar que o corpo ainda em “silêncio” fala, grita, berra, esbraveja, dependendo da circunstância, é como o quadro de Edvard Munch – O grito.

De início meus pensamentos vieram não pelas palavras ditas, mas pelas não ditas, pelo silêncio e risos. Posteriormente, pelas palavras escritas, outras vezes por ouvir atrás da porta, conversas dos adultos e também pelo silêncio profundo das páginas em branco; como em Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis ou até mesmo nas lacunas que tinham nas histórias escritas ou nas lacunas que apareciam nas histórias contadas. Aqui e agora marca a potência do silêncio de corpos que gritam, berram para sair do enclausuramento, da opressão, das histórias que contaram, ou melhor, que foram impostas para serem contadas por gerações. E, infelizmente, eu reproduzi por anos essas “ideologias” equivocadas, que não pertencem a minha ancestralidade ou ao meu povo e muito menos a mim. Tudo que ouvi pelas palavras ou mesmo pelos silêncios impostos nos ambientes que frequentava, desde a família, escola, transporte e até mesmo festinhas de aniversário, não têm a ver com a minha origem negra de corpo e alma. Fui silenciada desde criança, acreditava que era branca, que o mundo era branco e que cabelo ruim não era bom, não teria sorte ou seria vencedora. Basta! Demorei muito para descobrir e perceber quem realmente sou. Não vou mais me silenciar ou deixar que me silenciem. Essa dor da opressão não me cabe mais.

Aprofundando um pouco mais o silêncio imposto observemos o poema de Jacob Sam-La Rose:

Por que escrevo?
Porque eu tenho de
Porque minha voz,
em todos seus dialetos,
tem sido calada por muito tempo.

Encontrei esse poema no livro Memórias da plantação de Grada Kilomba e de alguma forma ele me tocou, representou algo profundo, de importância e significado ímpares. Mas não consegui de imediato dizer o que era. Só após ler e reler algumas vezes, inclusive a explicação de Grada, que entendi nas entranhas o porquê o encontrei, ou talvez, o porquê nos encontramos. Grada

diz: “Esses cinco versos curtos evocam de modo bastante habilidoso uma longa história de silêncio imposto. Uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes. Tudo isso parece estar escrito lá. Ao mesmo tempo, este *não* é apenas um poema sobre a perda contínua causada pelo colonialismo. É também um poema sobre resistência, sobre uma fome coletiva de ganhar a voz, escrever e recuperar nossa *história escondida*”. E aqui comecei a me encontrar como sujeito, ‘sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de *tornar-se*¹ e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminedou. Escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a escritora “validada” e “legitimada”, o escritor “validado” e “legitimado” e, ao reinventar a si mesma, a si mesmo, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada’. Oposição e reinvenção tornam-se então dois processos complementares, pois a oposição por si só não basta. Não se pode simplesmente se opor ao racismo, já que no espaço vazio, após alguém ter se oposto e resistido, “ainda há a necessidade de tornar-se – de fazer-se (de) novo” (hooks,1990, p.15). ‘Em outras palavras ainda há a necessidade de *tornar-mo-nos* sujeitos’ (kilomba, 2020, p. 19).

E para tornar-mo-nos sujeitos precisamos pensar no que está sendo dito no poema *As palavras*, de Eugênio de Andrade, poeta português:

As Palavras

São como um cristal,
as palavras.
Algumas, um punhal,
um incêndio.
Outras,
orvalho apenas.

Secretas vêm, cheias de memória.
Inseguras navegam:
barcos ou beijos,
as águas estremecem.

Desamparadas, inocentes,
leves.
Tecidas são de luz
e são a noite.

E mesmo pálidas
verdes paraísos lembram ainda.

Quem as escuta? Quem
as recolhe, assim,
cruéis, desfeitas,
nas suas conchas puras?

É possível perceber que o poema traz a clareza, luminosidade, branquitude das palavras e provavelmente do momento histórico que Portugal viveu com o projeto das navegações. Como é interessante fazer o paralelo entre esses poemas que representam os povos negros e brancos e pensar no silêncio que está por trás dessas palavras. Um silêncio imposto, opressor, ditador, cruel do branco e o silêncio dolorido, magoado, submisso, revoltado, perplexo, engasgado do negro. E ver a provável dor e angústia de quem sente ou é obrigado a sentir esse silêncio sufocante, aterrorizante que machuca e macula o sujeito negro por anos, deixando-o aprisionado em sua concha. Está na hora de se libertar do silêncio opressor, contar histórias que mostrem a importância do silêncio potência, presença, que é o outro lado da moeda. Escolher “moedas” de um valor realmente importante, sem subverter a experiência do falar ou do calar. Isso precisa ser uma escolha o tempo todo, principalmente, para os corpos negros; que falam, gritam, reclamam, bradam, vociferam para serem vistos e valorizados no mundo. Ecoar as vozes de liberdade em todos os cantos, recantos e formas.



Retrato de Conceição Evaristo.

Quem na contemporaneidade vem cumprindo o papel de colocar o negro em evidência é Maria da Conceição Evaristo de Brito que nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte (MG). Teve a infância e a adolescência marcadas pela miséria, na extinta favela do Pindura Saia na região centro-sul da capital mineira. Trabalhou como babá e faxineira enquanto cursava os estudos secundários, aspirando à carreira de professora, mas quando concluiu o curso normal, não conseguiu emprego em Belo Horizonte.

Conceição Evaristo por Conceição Evaristo

“Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. Essa informação deve ter sido dada por minha mãe, Joana Josefina Evaristo, na hora de me registrar, por isso acredito ser verdadeira. Mãe, hoje com os seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir.

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos.

Em minha casa, todos nós estudamos em escolas públicas. Minha mãe sempre cuidadosa e desejosa que aprendêssemos a ler, nos matriculou no Jardim de Infância Bueno Brandão e no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, duas escolas públicas que atendiam a uma clientela basicamente da classe alta belorizontina. Ela optou por nos colocar nessas escolas, distantes de nossa moradia, embora houvesse outras mais perto, porque já naquela época, as escolas situadas nas zonas vizinhas às comunidades pobres ofereciam um ensino diferenciado para pior.

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre.

A limitação do espaço físico e a pobreza econômica em que vivíamos eram resolvidas por meio de uma ficção inocente, único meio possível que me era apresentado para viver os meus sonhos. Se naquela época eu não tinha nenhuma possibilidade concreta de romper com o círculo de imposições que a vida nos oferecia, nada, porém freava os meus desejos. Eu menina, dona de uma tenaz esperança e de uma sabedoria precoce, reconhecia que a vida não poderia ser somente aquele pouco que nos era oferecido.

O que a minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento”.

Conceição mudou-se, em 1973, para o Rio de Janeiro, onde se graduou em Letras pela UFRJ e seguiu carreira no magistério, lecionando na rede pública fluminense até aposentar-se no ano de 2006.

A estreia dela na literatura aconteceu no ano de 1990, quando seis de seus poemas foram incluídos no volume 13 da coletânea *Cadernos Negros*,

publicação literária periódica que teve início em 1978, com o intuito de veicular a cultura e a produção escrita afro-brasileira, seja na forma da prosa, seja na forma da poesia.

Conciliando os trabalhos na docência, na literatura e na produção de estudos teóricos, Conceição Evaristo titulou-se como mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, em 1996, com a dissertação *Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afrobrasilidade* e depois como doutora em Literatura Comparada na UFF, defendendo, em 2011, a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos*, em que analisou a poesia dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira e a do angolano Agostinho Neto.

“Antes de lerem nossos textos já fazem um pré-julgamento, ou dizem que a autoria negra é uma autoria de militância. Mas é preciso conhecer os textos. Peço muito para as pessoas que não leiam apenas minha biografia, porque ela é importante sim, porque ela contamina meu texto, mas por favor leiam meu texto”

Com um pedido tão contundente temos a oportunidade de observar o poema *Vozes-Mulheres* de Conceição Evaristo o qual professa palavras que ecoam no silêncio de um povo humilhado e massacrado por séculos. Eis o meu momento de proferir e replicar essas vozes e histórias. Quero conhecer e me apropriar dessas vozes e histórias.

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue

e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Assim se rascunha meu contato com o conto. Percebo que a narrativa sempre esteve presente, até mesmo pelo silêncio que era inerente à minha origem, tudo repleto de memória e mitologia descrevendo o contato com os contos, parlendas, trava-línguas, das quais sempre fui apaixonada, porque fazem surgir outras vozes, ou seja, outras formas de falar, ouvir e entender o mundo, são outros ângulos, pontos de vista. Criam novos horizontes e expectativas. É dizer o que precisa ser dito de maneiras diferentes e inusitadas, que podem provocar o riso. E esse riso não precisa ser apenas risível, pode também ser reflexivo, sensível, faceiro, divertido, triste, melancólico, pode falar muito, sem dizer uma única palavra. “O que você escolhe amar ou odiar só produz um efeito: caminhar” a essência está como será esse caminhar.

A humanidade vive um momento extremamente significativo e inusitado. Com o isolamento e distanciamento social o silêncio veio à tona e as histórias começaram a emergir da terra, da própria natureza humana. O silenciamento de corpos negros como mulheres, pessoas transgênicas, adolescentes e crianças, principalmente, negras está querendo se sobrepor, esquecer e ignorar anos de lutas e vitórias do povo negro por equidade em todos os campos da sociedade. É a oportunidade de não nos calarmos, falar, contar em tempo integral todas as histórias vividas nos lugares de experiências. A pandemia não pode ser desculpa para que o silenciamento e o racismo continuem sendo praticados.

Narrativas que têm na sua essência o parar, respirar fundo, acalmar o coração e ouvir o silêncio interno, os ruídos de uma sociedade assolada pelos sons artificiais do mundo mais que moderno e tecnológico. Aqui falo do silêncio reflexivo que faz o ser pensante refletir, analisar, ponderar e tentar escolher a melhor opção para todos. É um silêncio individual, mas com essência de

coletivo. É o indivíduo se recolhendo ao seu mundo interior, para encontrar soluções para o coletivo, é não se ensimesmar, é deixar de ser egocentrista e buscar pelo silêncio reflexivo maneiras de escutar o mundo, ou melhor, todos os mundos e as histórias que estão sendo narradas pelas árvores, pedras, montanhas, folhas, águas e vidas negras. Os povos originários realizam milenarmente essas narrativas, entendem o silêncio e a palavra; buscam a conexão com o universo, respeitam as tradições e não entendem porque o homem branco é tão “narcisista” e se considera um “Deus”. Os povos originários ouvem e contam histórias que falam por palavras e silêncio, pode-se dizer que eles narram os dois lados da moeda.

O silêncio para as histórias e o mundo material pode ser potência viva para avançar e dizer tudo que precisa ser dito, sem proferir uma única palavra. Narrativas e imagens que dizem muito sem falar nada, acredito que seja fundamental para que a sociedade possa avançar com mais tranquilidade e com os pés no chão. Ter plena consciência do que precisa ser feito. Saber quando falar e quando calar ou mesmo dizer sem falar. As narrativas acontecem pelas palavras e, muitas vezes, é pelo silêncio que toda potência filosófica, ética, política, cultural é evidenciada. Será que essa afirmativa é potente o suficiente para ser afirmada categoricamente? Ou será que o corpo fala muito mais que as palavras? A atitude, o comportamento, o movimento corporal, antes, durante, depois, e continuamente nas narrativas é que evidenciam a cultura e identidade de um indivíduo ou povo?

Ao observar as experiências que me levaram para um curso de Narração Artística, no qual a palavra está sempre presente e pronunciada, sinto que estou descobrindo meus orixás como **Nanã** - um importante orixá feminino relacionado com a origem do homem na Terra. O seu domínio se relaciona com as águas paradas, os pântanos e a terra úmida.



Nanã

A imagem desse orixá feminino lembrou muito minha vizinha materna. Aparência de muita sabedoria, força e presença. Assim como Orixá guerreira, **Obá** conhecida por sua força e por ser a rainha do rio Níger, considerado o principal rio da África Ocidental e o terceiro mais longo de toda a

África. Com uma espada e um escudo na mão, ela está sempre pronta para lutar por aquilo que acredita e defende ser o certo.



Ambos os orixás têm força e sabedoria e de uma forma ou de outra me identifico com ambos. E por isso há a necessidade de se contar as histórias desses e de outros orixás para futuras gerações. Trazer à tona as narrativas que prezam pela justiça, é essencial. E para seguirmos a trilha de contar histórias, vamos apreciar os mitos de Nanã e Obá.

Naná proíbe instrumentos de metal no seu culto

A rivalidade entre Nanã Burucu e Ogum data de tempos.

Ogum, o ferreiro guerreiro,

era o proprietário de todos os metais.

Eram de Ogum os instrumentos de ferro e aço.

Por isso era tão considerado entre os orixás,
pois dele todas as outras divindades dependiam.

Sem a licença de Ogum não havia sacrifício;
sem sacrifício não havia orixá.

Ogum é o Oluobé, o Senhor da Faca.

Todos os orixás o reverenciavam.

Mesmo antes de comer pediam licença a ele
pelo uso da faca, o obé com que abatiam animais
e se preparava a comida sacrificial.

Contrariada com essa precedência dada a Ogum,
Naná disse que não precisava de Ogum para nada,
pois se julgava mais importante do que ele.

"Quero ver como vais comer,

sem faca para matar os animais", disse Ogum.

Ela aceitou o desafio e nunca mais usou a faca.

Foi sua decisão que, no futuro,

nenhum de seus seguidores se utilizaria de objetos de metal
para qualquer cerimônia em seu louvor.

Que os sacrifícios feitos a ela

fossem feitos sem a faca,

sem precisar da licença de Ogum

OBA, a terceira mulher de Xangô

Obá era uma mulher cheia de vigor e coragem.

Faltava-lhe, talvez, um pouco de charme e refinamento.

Mas ela não temia ninguém no mundo.

Seu maior prazer era lutar.

Seu vigor era tal que ela escolheu a luta e o pugilato como profissão.

Obá venceu todas as disputas que foram organizadas entre ela e diversos orixás. Ela

derrubou Obatalá, tirou Oxóssi de combate e deixou no chão Orunmilá.

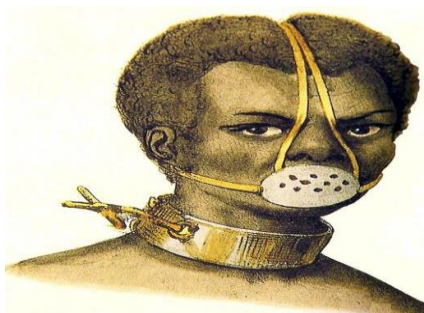
Oxumaré não resistiu à sua força.

Ela desafiou Obaluaê e botou Éxu pra correr.

Chegou a vez de Ogum!
Ogum teve o cuidado de consultar Ifá, antes da luta.
Os adivinhos lhe disseram para fazer oferendas, compostas de duzentas espigas de milho e muitos quiabos.
Tudo pisado num pilão para se obter uma massa viscosa e escorregadia.
Esta substância deveria ser depositada num canto do terreno onde eles lutariam. Ogum seguiu fielmente estas instruções.
Na hora da luta, Obá chegou dizendo:
"O dia do encontro é chegado." Ogum confirmou:
"Nós lutaremos, então, um contra o outro."
A luta começou.
No início, Obá parecia dominar a situação.
Ogum recuou em direção ao lugar onde ele derramara a oferenda.
Obá pisou na pasta viscosa e escorregou.
Ogum aproveitou para derrubá-la.
Rapidamente, libertou-se do pano que vestia e a possuiu ali mesmo, tomando-se, desta maneira, seu primeiro marido.
Mais tarde, Obá tomou-se a terceira mulher de Xangô, pois ela era forte e corajosa. A primeira mulher de Xangô foi Oiá-lansã, que era bela e fascinante. A segunda foi Oxum, que era coquete e vaidosa.
Uma rivalidade logo se estabeleceu entre Obá e Oxum.
Ambas disputavam a preferência do amor de Xangô.
Obá sempre procurava surpreender o segredo das receitas utilizadas por Oxum quando esta preparava as refeições de Xangô.
Oxum irritada, decidiu preparar-lhe uma armadilha.
Convidou Obá a vir, um dia de manhã, assistir à preparação de um prato que, segundo ela, agradava infinitamente a Xangô.
Obá chegou na hora combinada e encontrou Oxum com um lenço amarrado à cabeça, escondendo as orelhas.
Ela preparava uma sopa para Xangô onde dois cogumelos flutuavam na superfície do caldo.
Oxum convenceu Obá que se tratava de suas orelhas, que ela cozinhava, desta forma, para preparar o prato favorito de Xangô.
Este logo chegou, vaidoso e altivo.
Engoliu, ruidosamente e com deleite, a sopa de cogumelos e galante e apressado, retirou-se com Oxum para o quarto.
Na semana seguinte, foi a vez de Obá cuidar de Xangô.
Ela decidiu pôr em prática a receita maravilhosa.
Xangô não sentiu nenhum prazer ao ver que Obá se cortara uma das orelhas.
Ele achou repugnante o prato que ela lhe preparara.
Neste momento, Oxum chegou e retirou o lenço, mostrando à sua rival que suas orelhas não haviam sido cortadas, nem comidas. Furiosa, Obá precipitou-se sobre Oxum com impetuosidade.
Uma verdadeira luta se seguiu.
Enraivecido, Xangô trovejou sua fúria.
Oxum e Obá, apavoradas, fugiram e transformaram-se em rios.
Até hoje, as águas destes rios são tumultuadas e agitadas no lugar de sua confluência, em lembrança da briga que opôs Oxum e Obá pelo amor de Xangô.

Durante minha infância nunca ouvi falar na máscara que Anastácia era obrigada a usar – “a máscara do silenciamento que tinha como principal função implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura; a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das chamadas/os “Outras/os””. Essas políticas sádicas de conquista e dominação conseguiram perdurar por anos e anos e

silenciaram profundamente a voz, corpo, imagem e vida dessa narradora, que não se conhecia como pessoa preta. Tinha vergonha do próprio cabelo, corpo e até mesmo do som da própria voz, que permaneceu calada por décadas.



Retrato da “Escrava Anastácia”

Esta imagem penetrante vai de encontro à espectadora, ao espectador transmitindo os horrores da escravidão sofridos pelas gerações de africanas/os escravizadas/os. Sem história oficial, alguns dizem que Anastácia era filha de uma família real Kimbundo, nascida em Angola, sequestrada e levada para a Bahia e escravizada por uma família portuguesa. Após o retorno dessa família para Portugal, ela teria sido vendida a um dono de uma plantação de cana-de-açúcar. Outros alegam que ela teria sido uma princesa Nagô/Yorubá antes de ter sido capturada por europeus traficantes de pessoas e trazida ao Brasil na condição de escravizada. Enquanto outros ainda contam que a Bahia foi seu local de nascimento. Seu nome africano é desconhecido. Anastácia foi o nome dado a ela durante a escravização. Segundo todos os relatos, ela foi forçada a usar um colar de ferro muito pesado, além da máscara facial que a impedia de falar. As razões dadas para esse castigo variam. Dizem também que ela possuía poderes de cura imensos e que chegou a realizar milagres. Anastácia era vista como santa entre escravizadas/os africanas/os. Após um longo período de sofrimento, ela morre de tétano causado pelo colar de ferro ao redor de seu pescoço. Na segunda metade do século XX a figura de Anastácia começou a se tornar símbolo da brutalidade da escravidão e seu contínuo legado do racismo. Ela se tornou uma figura política e religiosa importante em torno do mundo africano e afrodiaspórico, representando a resistência histórica desses povos. Anastácia também é comumente vista como uma santa dos Pretos Velhos, diretamente relacionada ao Orixá Oxalá ou Obatalá – orixá da paz, da serenidade e da sabedoria – e é objeto de devoção no Candomblé e na Umbanda (Handler e Hayes, 2009).

Hoje sinto orgulho e tenho forte desejo de gritar para os quatro cantos do mundo sobre a minha própria história que possivelmente pode representar a história de algumas gerações e ancestrais pelos quais preciso zelar e honrar plenamente para próximas as décadas.

Por diversos anos usei a máscara de Anastácia – em mim a máscara foi metafórica – mas que eu nem sabia que a usava. No entanto, esse tal silenciamento ou racismo do colonialismo foi tão eficaz que minhas pregas vocais não vibravam quase nada, fazendo com que não conseguisse uma boa projeção vocal. Como professora de educação básica, cheguei a ficar sem voz por pelo menos duas vezes, e não foi diagnosticado absolutamente nada, ou seja, sem patologia. Entretanto, a projeção vocal iniciou com grande força quando principiei nas artes cênicas e a descoberta como mulher preta foi tomando forma.

Desde pequena já tinha profunda ligação com a dor e sofrimento das pessoas que foram escravizadas, mas não tinha noção. Foi com a música Canto das três raças, de Clara Nunes, que a identificação com o povo negro e minha ancestralidade começaram a se conectar.

Canto das três raças

Clara Nunes

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativo
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou

Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô

Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô

E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador

Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor

Um curso voltado à oralidade e fala, instigou-me a investigar o meu próprio silenciamento/racismo. É um enorme barulho pensar no silêncio. Verdadeiramente acho que é um paradoxo procurar maneiras artísticas que tratam da palavra, a fala, e ser levada para a outra margem, o lado onde a palavra é dita sem a pronúncia. É como querer sentir o som pelos poros e não pelos ouvidos que seria, talvez, o mais natural biologicamente falando. As histórias, ou melhor, as narrativas possuem palavras e silêncios que necessitam ser explicitados. Quem na contemporaneidade pode assumir esse

papel de revelar o silêncio que precisa ser ouvido, mostrado, escancarado? O silêncio presença se faz presente ainda mais nesses tempos conturbados. Não posso permitir que a pandemia volte a sufocar ou traga à tona silenciamentos de corpos negros, principalmente, de mulher preta, ou seja, o racismo estrutural ou qualquer outro tipo se evidencie. As crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos pretos anseiam pelos seus lugares de fala com ou sem verborragia.

O silêncio potência é natural e totalmente reflexivo, tem força de manter a harmonia entre todos os seres, transforma-se em presença positiva. Acontece de maneira natural unindo povos e gerações. O silêncio quando escolhido torna-se nossa palavra, nosso valor. O racismo é o grande mal que o povo negro tem que enfrentar e se libertar para o bem das futuras gerações. Vamos contar histórias, falar, gritar, berrar para os quatro quadrantes do mundo e trazer ao conhecimento de todos os silenciamentos que o povo negro, mulher cisgênera, transgênera, homem cisgênero, transgênero, ainda enfrentam nos dias atuais. Vamos mostrar a cara e a coroa da negritude para o século XXI e os próximos mil anos, no mínimo.

Ironicamente acreditava que no curso de Narração artística estudaria e trabalharia formas variadas de se contar artisticamente narrativas institucionalizadas – como as das princesinhas brancas que foram e são amplamente divulgadas. Contudo, fui surpreendida já de início ao ser empurrada nesse (para mim) novo mundo negro. Mundo esse que eu não admitia existir ou que eu fizesse parte dele. Fui me envolvendo e sendo envolvida nas histórias que outros contavam e que de uma forma ou de outra eram minhas também. A descoberta de que narrar histórias é contar a própria narrativa e assim se entender como sujeito que cria a específica realidade. ‘De repente, passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o sujeito negro estivesse naquele passado agonizante’ (kilomba, 2020, p. 30). Durante todo o processo de imersão nas narrativas apresentadas no curso de Narração artística: como contar histórias em contexto urbano fui sendo provocada por essa intersecção temporal do passado e presente. Grada tem toda a razão ao discorrer sobre passado e presente, tantas experiências, um turbilhão de emoções e descobertas me arrebatando continuamente. Mas o cume ocorre quando me debruço e reflito sobre o trabalho de conclusão com o tema silenciamento de corpos negros, não tinha ideia, nem imaginava o grau de atração que sentiria e menos ainda que a minha essência de mulher preta afloraria a cada parágrafo e orientação coletiva e compartilhada no decorrer de todo o processo.

O curso e esse ensaio que rascunho foram me mostrando subsídios de que minha história merece ser contada da forma e maneira que eu bem desejar. Sair da negação e não aceitação de si mesma como negra para o orgulho, força e coragem de aceitar os orixás sem as amarras filosóficas ou

religiosas. Ponto central para que, essa mulher negra que carrega em cada parte corpórea os saberes de ancestralidades, a essência de povo preto, orgulhoso de ser o que é e que pelo silêncio presença também protagoniza conhecimentos milenares.

Linda e Preta

Nara Couto

Linda e preta, da cor da noite da Bahia
Preta, o dia te anuncia
Linda e preta, você você você virá

Linda e preta, eclipse da rua
Linda e preta, esconde sol e lua
Linda e preta, você você você virá

Que nem a cor do sol de manhã cedo acorda o mar
Meu mundo começa só depois que te encontrar
Seu cabelo black dá um break em meu olhar
Canto essa canção só pra dizer que você

Linda e preta
Linda e preta
Linda e preta
Linda e preta
Linda e preta
Linda e preta

Que nem a cor do céu de manhã cedo acorda o mar
Meu mundo começa só depois que te encontrar
Seu cabelo black dá um break em meu olhar
Canto essa canção só pra dizer que você

Linda e preta, jardim do dia a dia
Linda e preta, brincar de alegria
Linda e preta, você você você virá

Linda e preta, diz que nem desconfia
Linda e preta, a conta que te guia
Linda e preta, conta quem é teu orixá

Que nem a cor do céu de manhã cedo acorda o mar
Meu mundo começa só depois que te encontrar
Seu cabelo black dá um break em meu olhar
Canto essa canção só pra dizer que você...

Nota

¹ O conceito de “tornar-se” tem sido usado pelos Estudos Coloniais e Pós-Coloniais para elaborar a relação entre o eu e a/o “Outro”.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola”. Astral Cultural, 2018

ANDRADE, Eugênio. Poemas

ANJOS, R. S. A Utilização dos Recursos da Cartografia Conduzida para Uma África Desmistificada. São Paulo: Humanidades, nº 22. 1989.

ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre o saber da experiência .

BOXER; C. R. (1981). O império colonial português: 1415-1825. Lisboa Edições70. 1981.

EVARISTO, Conceição. Vozes- mulheres, poema.

KILOMBA, Grada. “Memórias da plantação: episódio de racismo cotidiano. Cabogó, 2020

OIDA, Yoshi. “Um ator errante”. Via Lettera Editora, 2012

PAULME, D. “As Civilizações Africanas”. Lisboa: Publicações Europa-América. 1977.

RAMOS, Graciliano. “Vidas secas”. Record, 140ª edição, 2019

VERGER, Pierre Fatumbi. “Lendas africanas dos Orixás”. Trad. Maria Aparecida da Nóbrega, 4ª ed. Salvador: Corrupio, 1997

PRANDI, Reginaldo. “Mitologia dos Orixás”. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

Música Silêncio – de Arnaldo Antunes

<http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/reverso.asp>

<https://www.atribuna.com.br/variedades/atrevista/pratique-o-poder-do-silencio-escritora-fala-sobre-importancia-de-nos-conectarmos-a-nós-mesmos-1.115094>

https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/CHARLES_ARLINDO_E_SA_LUCILENE_ANTUNES.pdf

<https://super.abril.com.br/historia/a-historia-dos-imperios-africanos>

<https://www.geledes.org.br/outro-olhar-20-orixas-o-que-voce-sabe-sobre-mitologia-africana>